

YURI LOTMAN E SEMIÓTICA DA CULTURA

Edgar Roberto Kirchof¹

RESUMO

O presente artigo aborda alguns dos principais conceitos teóricos desenvolvidos por Yuri Lotman e a assim chamanda Escola de Tartu, também conhecida como *Semiótica da Cultura*. Inicialmente, é introduzido um breve panorama histórico quanto às reflexões desenvolvidas no âmbito da Escola de Tartu, além de serem apresentados seus principais representantes. Em seguida, o artigo apresenta o conceito de *sistema modalizador* como uma das principais e mais profícuas contribuições dessa escola para os estudos de semiótica e de cultura até os dias atuais. Por fim, são abordadas as reflexões tardias realizadas por Yuri Lotman, a partir da década de 80 do século XX, quando o semioticista russo deslocou suas discussões na direção dos conceitos da *biosfera* e da *semiosfera*.

ABSTRACT

The present article approaches some of the main theoretical concepts that were proposed by Yuri Lotman and the so called Tartu Semiotics School, also known as Semiotics of Culture. It begins by presenting a brief historical overview about the ideas developed within the Tartu School as well as their main members. Then the article introduces the concept of “modelling systems” since it is one of the most important contributions of that school to the field of semiotics as well as to cultural analysis as of today. Finally the article addresses the latest epistemological period of Yuri Lotman, from the 80s of the twentieth century onwards, when the Russian semiotician focused his analysis on the concepts of biosphere and semiosphere.

A ESCOLA DE TARTU

Yury Lotman nasceu a 28 de fevereiro, em Petrogrado, na Rússia, e viveu até 1993. Após atingir o grau de doutor em filologia, tornou-se professor na Universidade de Tartu, na Estônia. A partir de 1964, tornou-se o editor da revista publicada pela Universidade de Tartu, *Estudos de sistemas do signo* (KRISTEVA: 1994). Além disso, como ressalta Sebeok (1998), por ocasião da fundação da *Associação Internacional de Estudos Semióticos*, em Paris, a 21 de janeiro de 1969, Lotman foi eleito, *in absentia*, como um dos quatro vice-presidentes dessa associação.

Devido à sua influência na Universidade de Tartu, de um lado, e devido ao fato de o regime stalinista, na Rússia, ter dificultado os estudos de vários semioticistas russos, com o tempo, ocorreu a transferência

¹ Possui pós-doutorado na área da Biossemiótica na Universidade de Kassel, Alemanha. Atualmente, é coordenador do curso de Letras e professor adjunto da Universidade Luterana do Brasil, atuando como docente e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) e, como docente, no curso de Letras. E-mail: ekirchof@hotmail.com.

da semiótica russa para a Estônia, o que possibilitou não somente a publicação de vários textos sobre semiótica a partir de Tartu, como também a formação de um grupo de estudiosos da área, a partir da década de 1960, que ficou conhecido como a *Escola de Tartu* e, em alguns contextos, como o grupo representante da *Semiótica da cultura*, pelo fato de priorizar o estudo de vários âmbitos da cultura a partir da semiótica. Dentre os seus representantes, destacam-se Vyacheslav Ivanov, T. V. Civ'jan, B. F. Egorov, T. J. Elizarenkova, B. M. Gasparov, M. B. Mejlx, A. M. Piatigorsky, B. Ogibenin, I. I. Revzin, O. G. Revzina, V. N. Toporov, Boris. A. Uspenskij (SEBEOK, 1988) e outros. Alguns textos desses teóricos podem ser lidos, em português, na edição organizada por Bóris Schneiderman, *Semiótica russa* (1979).

Como esclarece Nöth (2000, p. 97), a Escola de Tartu não desenvolveu uma teoria semiótica unificada, pois seus fundamentos teóricos são bastante pluralistas, e os temas abordados, muito variados, apesar de a maior parte de suas pesquisas estar ligada à semiótica aplicada. Segundo Cáceres (apud SANCHEZ, 1989, p. 259), algumas das principais características dessa escola são a interdisciplinaridade, a aproximação entre as ciências exatas e as ciências humanas, o estudo da literatura no marco da história do pensamento social, o estabelecimento do conceito *sistema modalizador*, o interesse pela história da Rússia, por todas as formas de comunicação humana, a ênfase no estudo do surgimento, do desenvolvimento e da tipologia das culturas e, talvez o mais importante: o tratamento de todas essas formas de comunicação como linguagem ou sistemas de signos.

Lury Lotman foi o principal representante da Escola de Tartu. De fato, devido à forte influência de Lotman sobre esse grupo, houve quem afirmasse que *Lury Lotman é a Escola de Tartu* (SANCHEZ, 1996, p. 256). Sanchez (1996, p. 253) divide a sua produção a partir de três fases. De 1950 a 1964, Lury Lotman dedica-se principalmente ao estudo da história da literatura russa, especialmente os séculos XVIII, XIX e XX. De 1964 a 1974, ocorre a transferência das investigações semióticas de Moscou para Tartu, surgindo, dessa forma, a Escola Semiótica de Tartu propriamente dita. A partir da década de 80, Lotman introduz os conceitos *biosfera* e *semiosfera* no âmbito de suas principais reflexões.

No que tange à *semiótica*, os semioticistas

de Tartu não procuravam estudar o signo isolado em sua relação com o processo da semiose (o que caracterizaria as escolas de Peirce e de Morris, na concepção de Lotman), mas sim, a linguagem como um sistema semiótico (o que caracterizaria, segundo Lotman, a tradição da escola saussuriana). Devido a tal predileção pela concepção estrutural da linguagem, Kristeva (1994) afirma que Lotman foi considerado o primeiro estruturalista soviético, já com a publicação de seu livro *A delimitação dos conceitos lingüísticos e filológicos da estrutura*, em 1963.

Sanchez subdivide essa segunda fase da produção de Lotman em dois períodos: o período de 1964 a 1970 foi especialmente produtivo quanto ao estudo da literatura. Nessa época, as suas pesquisas se orientaram principalmente pela busca de analogias entre a língua natural e outros sistemas de signo, como o mito e a própria arte, em sentido amplo. De 1970 em diante, houve um interesse mais profundo pela tipologia da cultura, concebida como *sistema de sistemas*. As pesquisas desse período concentraram-se, principalmente, no modo como cada sociedade concebe o que é 'próprio' e o que é 'estranho', a partir de seus mitos, ritos, literatura, arte, e assim por diante.

A partir dos anos 80, aprofundando os estudos realizados na fase anterior, Lotman desenvolve um conceito inovador para tratar da cultura como *sistema de sistemas*: a *semiosfera*. Em poucos termos, pode-se dizer que a semiosfera é o oposto da *biosfera*. Ao passo que a segunda compreende o mundo da natureza ainda não organizada a partir de qualquer código ou sistema semiótico, a primeira corresponde ao mundo da semiose, em que funcionam os sistemas semióticos, responsáveis pela comunicação. A cultura, sendo o lugar da semiosfera, subdivide-se em diferentes linguagens, criando-se, dessa forma, 'subsemiosferas', que adquirem uma identidade própria a partir da maneira específica como organizam a informação. No entanto, ao contrário do que se poderia, talvez, supor, Lotman não acredita que tais sistemas devam ser estudados de forma abstrata, fora do tempo e do espaço em que surgem e são atuantes, pois todo sistema é dinâmico e pode variar de contexto para contexto. O mito, a arte, a religião, o rito, enfim, todos os sistemas culturais, na medida em que modalizam o real, criam mundos culturais paralelos (SANCHEZ, 1989, p. 260).

A SEMIÓTICA DA CULTURA

O grupo da Escola de Tartu, com base no legado dos formalistas russos, mas também a partir do estruturalismo saussuriano e hjelmsleviano, da teoria da informação, da psicologia cognitiva e outras áreas, priorizou a abordagem semiótica de vários âmbitos da cultura, como a literatura, o cinema, o folclore, a religião, a estética, a psicologia da percepção, a semiótica do jogo de xadrez e de cartas, das regras das boas maneiras, da comunicação, da narrativa, da mitologia e da história, da metáfora e da tipologia da cultura (NÖTH, 2000, p. 97). Apesar de não terem desenvolvido uma teoria semiótica unificada, os teóricos de Tartu são considerados os “atuais semioticistas soviéticos” (SCHNAIDERMAN, 1979).

Lotman via como possível o estudo semiótico de toda a cultura, desde que fosse considerada como ‘informação’: “A compreensão da cultura como informação determina alguns métodos de pesquisa. Ela permite examinar tanto etapas isoladas da cultura como todo o conjunto de fatos histórico-culturais na qualidade de uma espécie de texto aberto, e aplicar em seu estudo métodos gerais da Semiótica e da Linguística estrutural” (LOTMAN, 1979a, p. 32).

Percebe-se, já a partir da citação acima, a influência clara dos conceitos saussurianos *sincronia* (etapas isoladas da cultura) e *diacronia* (o conjunto de fatos histórico-culturais), com a ressalva de que, contrariando Saussure, Lotman sugere também o estudo diacrônico e o estudo de elementos extratextuais. Lotman (1979a, p. 33) também propõe que a abordagem semiótica da cultura se divida a partir de dois outros conceitos saussurianos: a *fala* e a *língua* [ou seus respectivos equivalentes *mensagem* e *código*, na terminologia de Jakobson]: a *realidade empírica de uma dada cultura* (um texto cultural específico) corresponde, nessa perspectiva, ao nível da *fala/mensagem*, ao passo que o *sistema de uma cultura, teoricamente reconstruído*, corresponde ao nível da *língua/código*. Lotman tende a equiparar o nível da língua àquilo que denomina de *estruturas extratextuais*. Para o especialista em tipologia da cultura, é o segundo aspecto que mais importa, pois permitirá chegar a uma ‘hierarquia de códigos historicamente formada’, elucidando problemas relativos à *autoconsciência social*, à *organização das coletividades* e à *auto-organização da personalidade*. Logo, a tipologia da cultura tem os

seguintes objetivos:

- a) descrever os principais tipos de códigos culturais, responsáveis pela formação das ‘línguas’ ou ‘culturas isoladas’;
- b) descrever suas características comparativas;
- c) determinar os universais das culturas humanas;
- d) construir um único sistema das características tipológicas dos principais códigos culturais e das propriedades universais da estrutura geral da ‘cultura da humanidade’.

Por outro lado, Lotman adverte que não se deve considerar um texto/fala/mensagem cultural simplesmente como a manifestação de um único sistema/código/língua, visto que “nenhum código, por mais hierarquicamente complexo que tenha sido ele construído, pode decifrar, de modo adequado, tudo o que foi realmente dado no nível da fala do texto cultural. Deste modo, o código da época não é a cifra única, mas a predominante” (LOTMAN, 1979a, p. 35).

Uma das especificidades da escola de Tartu, portanto, é a abordagem das manifestações culturais em analogia com fenômenos linguísticos: “A cultura edifica-se sobre a língua natural e sua relação com ela constitui um de seus parâmetros essenciais” (LOTMAN, 1978a, p. 37). A consequência mais imediata dessa tese é que todos os âmbitos culturais (religião, artes, ciências, folclore etc.) são considerados *sistemas secundários* em relação ao sistema da língua natural, este sim, o *sistema primário*. Em outros termos, de forma geral, os semioticistas de Tartu acreditam que, em última análise, a consciência humana é linguística e/ou semiótica e que, conseqüentemente, “todos os aspectos dos modelos sobrepostos à consciência [...] podem ser definidos como sistemas modalizadores secundários” (LOTMAN, 1978b, p. 37).

Assim sendo, as várias manifestações da cultura, pelo fato de possuírem uma espécie de essência linguística, podem ser compreendidas como *sistemas de comunicação*, cuja especificidade é a capacidade de *veicular mensagens* ou *informações*. O aparato semiótico, nesse sentido, viabiliza a *decifração* ou *decodificação* das *mensagens* emitidas por sistemas como o *mito*, a *religião*, o *folclore*, as *artes*, entre outros.

Por outro lado, contudo, os sistemas da cultura não veiculam informações de forma neutra: ao transmitirem suas mensagens, transmitem, a partir

do próprio código pelo qual são formados, um determinado *modelo* ou *recorte* da realidade, o que levou os semioticistas de Tartu a formular o conceito de *sistema modalizador* (ou *modelizante secundário*) para definir os diferentes códigos culturais. Nas palavras de Zalizniak, Ivanov e Toporov (1979, p. 81), “estudando todo o conjunto dos sistemas de signos que constituem o objeto da Semiótica, é possível estabelecer que os vários sistemas de signos modalizam o mundo de diferentes maneiras”. A semiótica da cultura, portanto, procura estudar, a partir de conceitos provindos da semiótica (e de outras áreas afins), os seguintes elementos:

- a) a estrutura a partir da qual os vários âmbitos da cultura (as línguas naturais, o mito, a religião, a arte, a ciência etc.) produzem e transmitem informações;
- b) a maneira específica como cada um desses âmbitos, na medida em que serve à função comunicativa, também é capaz de modalizar a realidade.

No presente estudo, por uma questão de delimitação, será fornecido apenas um resumo simplificado acerca do *modus operandi* da *modalização* e, por fim, à guisa de conclusão, serão apresentadas as discussões tardias de Lotman a respeito dos limites entre a biosfera e a semiosfera.

A MODALIZAÇÃO

Os pesquisadores de Tartu acreditam que a linguagem não deve ser vista apenas como *sistema de comunicação*, mas também como *sistema modalizador*: ao mesmo tempo em que *transmite mensagens/informações*, também *cria os códigos/modelos* a partir dos quais o receptor deve decifrar tais informações. Assim, para Lotman (1978b, p. 37), cada código específico cumpre duas funções simultâneas, que estão ligadas indissolivelmente:

- a) a função de comunicação: transmitir informações ou mensagens;
- b) a função de modalização: fornecer um modelo determinado do mundo nos seus contornos mais gerais.

A *modalização* consiste, de forma resumida, no processo de conferir, à informação, um caráter, uma forma ou um modelo específico, derivado do código através do qual é veiculada. Por exemplo, uma

informação veiculada pelo código da matemática se apresentará de forma extremamente abstrata, ao passo que, pela religião, a informação será veiculada de forma mais concreta. O código matemático institui uma semântica monossêmica: apenas um significado deve ser apreendido pelo receptor como correto; o código religioso, por sua vez, institui uma semântica pluriestratificada, possibilitando a veiculação de mais do que um significado, embora exija que o receptor iniciado saiba escolher, dentre as várias possibilidades interpretativas, apenas uma (LOTMAN, 1978b, p. 127).

Lotman faz distinção entre dois tipos de sistemas de modalização: *sistemas modalizantes primários* e *sistemas modalizantes secundários*. Os primeiros correspondem às línguas naturais e, geralmente, demandam apenas uma estrutura de significação para existirem, ou seja, um único cruzamento entre expressão e conteúdo; os segundos (como as artes, a religião etc.), por sua vez, a) possuem o sistema primário (a língua natural) como base, mas b) recebem, posteriormente, “uma estrutura complementar, secundária, de tipo ideológico, ético, artístico ou de qualquer outro tipo” (LOTMAN, 1978b, p. 79).

Por outro lado, é necessário esclarecer que a modalização já ocorre na própria língua natural (o sistema primário), embora em menor grau. Lotman exemplifica o fenômeno através da língua russa: ao passo que, no *russo arcaico*, as palavras *honra* e *glória* eram antônimos, no *russo moderno*, são tidas por sinônimos. Esse fenômeno pode ser facilmente exemplificado através da evolução de qualquer idioma.

ARTE/RELIGIÃO/MITO/FOLCLORE/etc. – sistemas secundários
LÍNGUA NATURAL – sistema primário

Segundo Lotman, em última análise, “o objetivo da atividade semiótica é a transmissão de um determinado conteúdo” (LOTMAN, 1978b, p. 74). Para tanto, é necessário que se estabeleçam ‘equivalências’ entre, pelo menos, duas ‘cadeias-estruturas’ diferentes (ou entre dois determinados pares de elementos, diferentes por sua natureza), denominadas, por Lotman, em linguagem hjelmsleviana, de *plano da expressão* (o significante) e *plano do conteúdo* (o significado).

- a) Conteúdo extralinguístico determinado (derivado da semântica do signo).

b) Conteúdo formal imanente (derivado da sintaxe do signo).

Em última análise, o 'signo' corresponde ao cruzamento de, pelo menos, duas cadeias de estruturas num único ponto comum: a estrutura de uma expressão e a estrutura de um conteúdo, seja este extralinguístico ou puramente formal. O processo da significação, em que surge o significado, é chamado de *transcodificação*. Além disso, a segunda das cadeias será o conteúdo, e a primeira, a expressão. Geralmente, a ligação entre os dois planos é de ordem *convencional*, embora Lotman admita que alguns signos mantêm relação de semelhança ou *icônica* entre a expressão e o conteúdo.

SIGNO	
Primeira cadeia	Segunda cadeia
Expressão	Conteúdo

Apesar de a modalização ocorrer de forma mais intensa nos sistemas secundários, a própria língua natural também modaliza o conteúdo que transmite. Nesse sentido, pode-se dizer que a natureza de uma informação transmitida em russo, em alemão ou em português está sujeita a particularidades semânticas provenientes de cada um desses idiomas. É por essa razão que uma tradução nunca capta absolutamente todos os sentidos inerentes ao texto original. Além disso, dentro de um mesmo idioma, pode-se codificar a informação na forma oral ou na forma escrita, o que também implica diferenças de modalização.

Outro aspecto a ser sublinhado é que, na visão de Lotman (p. 37), o sistema primário da língua natural não é apenas "um dos sistemas mais precoces, mas também o mais poderoso sistema de comunicação na coletividade humana. Pela sua própria estrutura, ela exerce uma poderosa influência sobre o psiquismo dos indivíduos e em muitos aspectos da vida social". Os semioticistas de Tartu acreditam, portanto, que a consciência humana é semiótica em sua essência, o que os leva a estudar todos os demais sistemas culturais criados pela humanidade como *sistemas modalizantes secundários*. Estes, por sua vez, equivalem às estruturas em cuja base se encontra a língua natural. Tais sistemas recebem uma ou mais estruturas

complementares, secundárias, que podem ser de tipo ideológico, ético, artístico, religioso, lúdico etc.

Por exemplo, para a cibernética, o mundo se transforma em uma espécie de "memória passiva da máquina"; para a matemática, o mundo se apresenta de forma extremamente abstrata, ao passo que, pela religião, apresenta um nível mínimo de abstração e, por isso mesmo, uma capacidade máxima de modalização. Já as línguas naturais possuem uma posição intermediária entre a matemática e a religião (ZALIZNIAK; IVANOV; TOPOROV, 1979, p. 81).

Lotman (1978b, p. 127) afirma que também o texto científico fornece, como modelo, a interpretação de uma lei geral, criando, como a matemática, ideias abstratas. Por isso, é sempre monossêmico ou monoplanar (pretende veicular apenas um significado por vez), sendo justamente essa a qualidade que lhe confere valor. Já o texto religioso, como se viu, é oposto ao texto científico e possui uma "semântica pluriestratificada", pretendendo veicular vários significados de uma só vez. Contudo, alguns de seus significados devem permanecer ocultos para receptores não iniciados, revelando-se apenas para aqueles que já atingiram certo grau em relação ao seu nível de santidade, de iniciação ou de conhecimento livresco. O texto artístico possui, em comum com o texto religioso, o fato de também ser polissêmico. Contudo, ao passo que, no discurso religioso, os vários sentidos devem ser percebidos de forma excludente, no discurso artístico, ocorre a "recepção simultânea com mais de uma significação" (p. 128).

Outro sistema modalizante muito estudado pelos semioticistas de Tartu é o jogo, cuja estrutura é extremamente semelhante à estrutura da arte. Assim como a obra artística, o jogo também se baseia numa postura *lúdica*, opondo-se à seriedade da modelização imposta pela ciência. Além disso, as situações que impõe são *convencionais*, diferentes das situações da vida real, que não são convencionais. O jogo possui uma característica pedagógica, na medida em que, pela convencionalidade que impõe, permite a aprendizagem de um tipo específico de conduta, e uma característica psicológica, na medida em que permite a possibilidade de uma vitória convencional sobre adversidades invencíveis (como a morte) ou sobre adversários muito poderosos. A arte aproxima-se do jogo principalmente no que diz respeito às suas características lúdicas; mas dele também se distancia, pois a arte possui

interesse também na aquisição de conhecimentos e não apenas na aquisição de habilidades; nesse aspecto, a linguagem artística aproxima-se mais da ciência do que do jogo. Em última análise,

para Lotman (p. 133), a modalização realizada pela obra de arte é uma espécie de síntese entre a seriedade (monoplanaridade) da ciência e a alegria (biplanaridade) do jogo.

CÓDIGO CIBERNÉTICO	A informação apresenta-se como memória passiva da máquina.
CÓDIGO CIENTÍFICO	A informação apresenta-se de forma extremamente abstrata. O conteúdo é monossêmico.
CÓDIGO RELIGIOSO	A informação apresenta-se de forma pouco abstrata. O conteúdo é polissêmico. Cabe, ao receptor iniciado, encontrar o conteúdo verdadeiro.
CÓDIGO DO JOGO	Não conserva informações e não elabora novos conhecimentos. Possui, como fim, a aquisição de uma habilidade.
CÓDIGO ARTÍSTICO	A informação apresenta-se de forma pouco abstrata. O conteúdo é polissêmico. O receptor não precisa optar por apenas um dos conteúdos possíveis.

Apesar de suas diferenças, todos os sistemas modelizantes secundários possuem, em comum, o fato de estarem sobrepostos ao sistema da língua natural, considerado como seu sistema primário. No entanto, Lotman (p. 79) admite que os sistemas secundários, de um lado, podem organizar seus conteúdos segundo os meios comuns à língua natural, mas, de outro lado, podem fazê-lo também segundo meios provenientes de outros sistemas semióticos.

A SEMIOSFERA

A partir dos anos 80 do século XX, Lotman passa a situar a discussão sobre a modalização realizada pelos códigos da cultura sob o prisma de um novo conceito, a *semiosfera*. O autor cria esse conceito com o intuito de discutir os fundamentos epistemológicos das duas principais tradições semióticas: a escola de Peirce e Morris, de um lado, e a escola estruturalista, de Saussure ao Círculo de Praga, de outro. Para Lotman (1996, p. 21), ambas cometem o mesmo erro: tomam, como ponto de partida, um fenômeno isolado, considerando-o o mais simples e, a partir dele, desenvolvem conceitos mais amplos. No caso de Peirce e Morris, o elemento mais simples seria o signo. No caso do estruturalismo, o ato da comunicação – derivado a partir da dicotomia entre *língua* e *fala*. Para Lotman,

esse procedimento, que isola um conceito como fundamento de toda a teoria, tem gerado uma visão atomizada da semiótica, segundo a qual “o objeto complexo se reduz a uma soma de objetos simples” (1996, p. 22).

A fim de superar aquilo que considera um atomismo em ambos os paradigmas semióticos, Lotman propõe que a semiótica não seja vista a partir de sistemas isolados, mas sim a partir de um conjunto heteróclito de “formações semióticas de diversos tipos e que se encontram em diversos níveis de organização” (1996, p. 22). Lotman caracteriza esse conjunto de sistemas que se entrecruzam como um “continuum semiótico”, que deve ser chamado de *semiosfera*, em analogia com o conceito *biosfera*, conforme postulado por V. I. Vernadski. A principal diferença entre ambos é que a biosfera se caracteriza como um espaço formado unicamente pela matéria viva, ao passo que a semiosfera abarca o universo da semiose, portanto, da linguagem e da comunicação.

Como observa Nöth (2002, p. 10), essa concepção corre o risco de reavivar o dualismo entre *natureza* (*biosfera*) e *cultura* (*semiosfera*), que separa como entidades autônomas o mundo biológico e a vida cultural. Por outro lado, Lotman acredita que há uma interação possível entre o mundo externo (ou alosemiótico) e a biosfera,

mas apenas na medida em que o elemento extrassemiótico seja traduzido em informação semiotizada (modalizada), o que ocorre quando um elemento externo à cultura é absorvido através de seus mecanismos de tradução. Além disso, Lotman parece acreditar que há um mesmo e único princípio regendo a dinâmica de ambos os universos, a saber, o enantiomorfismo – ou o princípio especular (p. 40) –, que será explicado adiante.

A biosfera abarca o universo de toda a matéria dotada de energia, desde as formas mais elementares de vida até as mais elaboradas: “a biosfera transforma a energia radiante do sol em energia química e física, dirigida, por sua vez, à transformação da matéria “conservadora” e inerte de nosso planeta” (p. 22). A semiosfera, por sua vez, está compreendida dentro da biosfera, mas encerra apenas o universo semiótico ou cultural. Como já se afirmou, ao propor uma oposição entre a semiosfera e a biosfera, Lotman representa uma concepção epistemológica dualista quanto à relação entre a natureza e a cultura, pois não acredita que haja processos semióticos em sistemas não culturais (NÖTH, 2000, entre outros).

Por outro lado, Lotman se esforça para que esse universo semiotizado não seja compreendido como um conjunto fechado de textos e de linguagens, isolados uns em relação aos outros: eles mantêm, entre si, complexas relações, quase paradoxais, visto pressuporem a assimetria dentro da simetria, ou a heterogeneidade dentro da homogeneidade, fenômeno denominado de “enantiomorfismo” ou “princípio especular”. Por vezes, Lotman chega quase a negar a existência de um verdadeiro limite entre o mundo biológico e o cultural, pois afirma que o princípio especular (que forma as oposições entre o simétrico e o assimétrico) “está tão amplamente difundido em todos os mecanismos geradores de sentido que podemos dizer que é universal, abarcando o nível molecular e das estruturas gerais do universo, de um lado, e as criações globais do espírito humano, de outro” (p. 40). No entanto, de forma predominante, Lotman parece acreditar que o resultado enantiomórfico só adquire *status* semiótico na medida em que é transformado em *informação* dentro de um universo cultural dado, ou seja, dentro da semiosfera.

Assim sendo, a semiosfera acaba se definindo como um conjunto heteróclito de variações semióticas, cujos componentes estão em constante

interação. De um lado, esse conjunto é uno, íntegro, regular, homogêneo. Seus diferentes textos e linguagens são como os “diferentes órgãos de um organismo” (p. 31), pois, apesar de serem diferentes uns em relação aos outros, pertencem a um mesmo sistema e mantêm, portanto, com o todo e com as partes, relações distintas e variáveis.

De outro lado, no entanto, observando-se a diversidade dos vários textos e sistemas que compõem a semiosfera, deve-se dizer que é irregular, assimétrica, heterogênea, fundamentada na diferença. Nesse aspecto, a semiosfera é análoga ao “diálogo”, compreendido como a possibilidade de intercâmbio entre textos e mensagens. Da mesma maneira como o diálogo precede e gera a linguagem como fenômeno particular, a semiosfera precede e gera as formações semióticas isoladas. Em última análise, não existe significado sem intercâmbio de mensagens, assim como não existe comunicação real sem a possibilidade do diálogo. E a informação deve ser compreendida como “entidade discreta”, que transita de um polo a outro, na relação dialógica. Para definir com mais precisão esses vários traços da semiosfera, Lotman lhe confere duas características essenciais, aparentemente contraditórias: um caráter delimitado, por um lado, e um caráter irregular, por outro.

O caráter delimitado pretende explicar a homogeneidade da semiosfera. Para que exista sistema homogêneo, é essencial definir seus limites ou fronteiras; aqui, trata-se especificamente da fronteira entre o mundo extrassemiótico/alosemiótico e o mundo semiotizado. Lotman acredita que, no limiar dos sistemas semióticos, existem “filtros” encarregados de traduzir um sistema externo para dentro de uma certa cultura. Em poucos termos, os filtros que estão na fronteira dos sistemas semióticos são responsáveis pela transformação do *outro* no *mesmo*. Trata-se de “mecanismos de tradução”, utilizados pela cultura, para absorver aquilo que lhe é estranho. Lotman chega a afirmar que, através do mecanismo da fronteira, “a cultura cria não só sua própria organização interna como também seu próprio tipo de desorganização externa” (p. 29.) Um dos exemplos citados para ilustrar o fenômeno são aqueles momentos históricos em que os grandes impérios sofrem ameaças de tribos nômades ou de povos que consideram bárbaros: a estratégia para lidar com o outro/estranho, nesses casos, é contratar indivíduos desses mesmos grupos para defender

as fronteiras; tais colônias acabavam formando uma “zona de bilinguismo cultural que garantia os contatos semióticos entre os dois mundos” (p. 27), o que acabava criando, de certa forma, uma identidade mais forte dos próprios impérios: “a civilização antiga só foi capaz de tomar consciência de si mesma como um todo cultural depois de construir esse, por assim dizer, mundo “bárbaro” único, cujo traço distintivo fundamental era a ausência de uma linguagem comum com a cultura antiga” (p. 29).

Se a noção de fronteira permite a Lotman delimitar com clareza a diferença entre o mundo semiotizado e o mundo não semiotizado, por outro lado, no entanto, essa delimitação não possui um caráter absoluto, pois aquilo que é periférico em um determinado contexto pode não sê-lo em outro; o que é sistema para um determinado grupo pode ser o caos para outro. Em poucos termos, a delimitação da fronteira depende sempre do ponto de vista do observador, o que cria grande relatividade quanto ao caráter do próprio limite. Além disso, a interação entre os vários sistemas não ocorre de forma homogênea, tampouco na mesma velocidade: as línguas naturais, por exemplo, desenvolvem-se de forma muito mais lenta do que as estruturas ideológicas. A influência de uma cultura sobre outra, como ocorre na relação Ocidente e Oriente, por exemplo, tampouco segue uma sincronia claramente previsível; mesmo dentro de uma mesma cultura, não se pode estabelecer com precisão a regularidade com que a periferia influencia o centro e vice-versa. O exemplo mais discutido por Lotman provém das artes: a influência de movimentos como o Romantismo ou o Classicismo sobre os vários níveis da cultura é considerada como certa pelos estudiosos de teorias culturais; no entanto, Lotman esclarece que, frequentemente, ocorre uma assimetria entre o movimento dominante e os destinatários desse movimento, que ainda se encontram no movimento precedente.

Por isso, Lotman afirma que há uma diferença entre o espaço semiótico real – que é sempre irregular e, por vezes, fragmentado – e o espaço semiótico ideal, aquele construído no nível metalinguístico ou descritivo – que é regular. Em última análise, a unidade ou regularidade do sistema é obtida apenas no nível teórico da descrição metalinguística. É interessante notar que as autodescrições metaestruturais (as gramáticas)

tendem a tornar os sistemas periféricos menos dinâmicos e mais rígidos. No entanto, novamente é necessário lembrar que a própria noção do que é periférico e do que é nuclear depende do ponto de vista de quem descreve o sistema.

No nível da descrição, que produz a regularidade, a semiosfera se organiza a partir da divisão entre o núcleo e a periferia, como se viu. Ao passo que os setores periféricos são mais flexíveis, dinâmicos, “deslizantes”, o núcleo tende a reunir os elementos semióticos dominantes, que possuem o poder de determinar a conduta dos indivíduos. Na medida em que um elemento periférico entra em contato com o centro, *forma novos sentidos*, mas também *reconstrói todo o sistema*. Lotman acredita que existe uma relação de isomorfismo entre as partes e o todo: “no mecanismo semiótico total, o texto isolado é isomorfo a partir de determinados pontos de vista, a todo o mundo textual, e existe um claro paralelismo entre a consciência individual, o texto e a cultura em seu conjunto” (p. 32). O que está por trás dessa ideia é a capacidade que os vários sistemas possuem de intercambiar informações, mesmo que em ritmos e níveis diferentes. A essa capacidade, Lotman denomina de *diálogo*. O diálogo, assim, é a condição real a partir da qual as linguagens específicas são formadas.

Por fim, resta explicar o aparente paradoxo criado pela contradição entre o regular e o irregular. Essa contradição emerge porque Lotman escolhe o *diálogo* como conceito fundador da semiosfera. Para existir, o diálogo pressupõe a diversidade de sistemas e, ao mesmo tempo, um certo nível de identidade entre eles; caso contrário, não há comunicação, mas pura entropia. Devido a esse dinamismo que lhe é inerente, o diálogo tende a aumentar a variedade interna dos sistemas. E esse aumento só não provoca a sua desintegração porque é regido por um “princípio especular”, denominado de enantiomorfismo (*enantios*: contrário). Logo, na base da semiosfera (e mesmo da biosfera, como se depreende em alguns excertos), encontra-se este princípio invariável: a combinação simetria-assimetria, análoga à dicotomia saussuriana semelhança-diferença: “A simetria-assimetria pode ser considerada como a divisão de certa unidade por um plano de simetria, cujo resultado é o surgimento de estruturas refletidas especularmente – base do ulterior aumento da variedade e da especificação funcional. E seu movimento cíclico, por sua vez,

está baseado em um movimento giratório em torno do eixo da simetria” (p. 36). O exemplo escolhido para ilustrar esse fenômeno é o palíndromo (palavra ou grupo de palavras que podem ser lidas tanto numa direção quanto noutra). Tomado como uma unidade, o palíndromo ativa o princípio especular porque pode ser lido tanto da direita para a esquerda quanto da esquerda para a direita.

É exatamente esse mesmo princípio que se encontra na base da formação de sentido em qualquer outro sistema, segundo Lotman. Para que haja sentido, é necessário que as unidades que compõem o diálogo sofram “divisões enantiomórficas”, o que gera correlação estrutural entre as partes: “a simetria especular cria as necessárias relações de diversidade estrutural e semelhança estrutural que permitem construir relações dialógicas” (p. 37). Assim sendo, o princípio do contrário ou do espelho garante o equilíbrio gerado pela diversidade dentro da similaridade, pois a diferença, concebida dessa maneira, não passa da imagem do mesmo, refletida às avessas. Portanto, Lotman não acredita que haja sentido quando a diferença não for capaz de se apresentar como o contrário de uma igualdade. O princípio que rege esse processo, como se viu anteriormente, é o limite ou a fronteira do próprio sistema, que possui mecanismos de tradução encarregados de reduzir o outro a um “mesmo às avessas”.

É notável, nesse sentido, a semelhança da concepção de Lotman com a visão postulada por Platão, no diálogo *Meno*, em que Sócrates afirma que tudo o que é nasce do seu contrário (*enantíos*), ou mesmo com Aristóteles, que desenvolve, por exemplo, no livro X da *Metafísica*, a ideia de que o real é produzido a partir de oposições entre contrários, sendo que Aristóteles refuta a contradição como geradora de substâncias.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Para concluir, é importante ressaltar que a obra de Lotman, juntamente com os demais estudos da Semiótica da Cultura, forma um paradigma próprio dentro das tradições da semiótica e continua, até os dias de hoje, a inspirar estudos nos mais variados âmbitos da linguagem e da cultura, em diversas áreas e campos do saber.

Um dos conceitos mais utilizados, nesse contexto, é a noção de texto como “modelo

reduzido da cultura”, uma espécie de atividade complexa e interativa capaz de criar significados determinados pelos próprios códigos a partir dos quais são veiculados. Em suma, trata-se de todos os estudos realizados em torno do conceito do “sistema modalizador”. Conforme esclarece Kristeva (1994), essa concepção deslocou vários conceitos do estruturalismo mais ortodoxo e dogmático, que via o texto como nada mais do que um jogo de elementos linguísticos dentro de uma estrutura fechada.

Dessa forma, Lotman desloca o eixo textual em direção à sua periferia, na medida em que, além de considerar as relações internas da estrutura, analisadas sob o nível sintagmático, também preconiza relações paradigmáticas e, mesmo, extratextuais, provindas da história, do tecido social e, mais tardiamente, de algumas relações com a biosfera.

A estrutura sincrônica do texto, para Lotman, é resultado de uma confrontação com outros textos, oriundos de várias instâncias da sociedade, cada um deles construído a partir de outras linguagens e códigos. Conforme ressalta Kristeva, a concepção de Lotman reforça a ideia já apregoada por Bakhtin – e ratificada também pela própria autora através do conceito da *intertextualidade* – de que o texto gera o seu sentido apenas à medida que se insere no diálogo cultural. Consequentemente, Lotman acaba rejeitando o uso exclusivo da teoria estruturalista, que procurava compreender o texto unicamente a partir de modelos linguísticos, ao mesmo tempo em que amplia sua abrangência em direção a aspectos pragmáticos da comunicação.

Nas reflexões que realizou a partir da década de 80 do século XX, por sua vez, Lotman desloca suas discussões para a questão das fronteiras a partir das quais o significado é gerado. Um dos aspectos mais intrigantes de suas conclusões, nesse contexto, diz respeito ao caráter especular adquirido pelos sistemas: o mesmo sempre se define em oposição ao outro. Em outros termos, ao mesmo tempo em que a fronteira une esferas diferentes de semiose, ela também é responsável pela sua separação, o que equivale a dizer que somente quando a cultura reconhece elementos externos a si própria é que passa a construir sua identidade individual.

Em suma, como afirma Kristeva (1994), Lotman se tornou um ícone popular para o mundo ocidental, principalmente a partir da década de

1960, especialmente para os *samurais* da geração estruturalista e pós-estruturalista. Sua teoria foi bem-acolhida tanto pelos primeiros quanto pelos últimos. Ao passo que os estruturalistas souberam apreciar as contribuições que Lotman forneceu para o estudo dos princípios intrassistêmicos do texto, os pós-estruturalistas aprovaram especialmente o fato de Lotman não restringir o estudo semiótico aos elementos internos e imanentes das estruturas semióticas, procurando compreender o significado sempre a partir de uma correlação entre diferentes sistemas.

REFERÊNCIAS

- CÁCERES, Manuel. Iuri Mijáilovich Lotman (1922-1993): una biografía intelectual. In: **La semiosfera I**. Semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Cátedra, 1996, p. 249-263.
- KRISTEVA, Julia. On Yury Lotman. In: **Publications of the Modern Language Association** (PMLA) 109(3), 375-376 (1994).
- SEBEOK, Thomas A. The Estonian connection. In: **Sign systems studies** (26), 1998 (p. 20-41). Tartu: University Press.
- SCHNAIDERMAN, Bóris. **Semiótica russa**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- YLLERA, Alicia. **Estilística, poética e semiótica literária**. Coimbra: Almedina, 1979.
- LOTMAN, Iuri. Acerca de la semiosfera. In: _____. **La semiosfera I**. Semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Cátedra, 1996, p. 21-42.
- _____. **Estética e semiótica do cinema**. Lisboa: Estampa, 1978a.
- _____. **A estrutura do texto artístico**. Lisboa: Estampa, 1978b.
- _____. Sobre o problema da tipologia da cultura. In: SCHNAIDERMAN, Bóris. **Semiótica russa**. São Paulo: Perspectiva, 1979a, p. 31-41.
- _____. Sobre algumas dificuldades de princípio na descrição estrutural de um texto. In: SCHNAIDERMAN, Bóris. **Semiótica russa**. São Paulo: Perspectiva, 1979b, p. 131-39.
- NÖTH, Winfried. **Handbuch der Semiotik**: zweite vollständige neu bearbeitete und erweiterte Auflage. Stuttgart & Weimar: Metzler, 2000.
- _____. Paradigmen des Dualismus "Kultur vs. Natur" und Ansätze zu dessen Deskonstruktion. **Kultur und ihre Wissenschaft**, U. Helduser & T. Schwietring (eds.) Kontanz: UVK, 2002, p. 49-68.
- ZALIZNIAK, A. A.; IVANOV, V.V.; TOPOROV, V. N. Sobre a possibilidade de um estudo tipológico-estrutural de alguns sistemas semióticos modelizantes. In: SCHNAIDERMAN, Bóris. **Semiótica russa**. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 81-97.